



A. Estado, Poderes e Sociedade
B. Estruturas Produtivas, Trabalho e Profissões
C. Educação e Desenvolvimento
D. Território, Ambiente e Dinâmicas Regionais e Locais

E. Cultura, Comunicação e Transformação dos Saberes
F. Família, Género e Afectos
G. Teorias, Modelos e Metodologias
Sessões Plenárias

Tirar a vida, Contar a História...

Ana Paula Garez Gomes (INPCC) e Ana Cristina Ahrens Teixeira (Universidade Aberta)

Nesta comunicação são apresentados os resultados de uma pesquisa que teve por objectivo a análise do papel desempenhado pela comunicação social — especificamente a imprensa escrita — na

construção das representações sociais que rodeiam os espaços sociais marginais ou desviantes. ^[1] Concretamente, pretende-se desmontar os mecanismos de construção do perfil do agente e objecto do crime de homicídio — o criminoso e a sua vítima — nos seus “elementos narrativos” fundamentais. Sendo os media perspectivados como desempenhando o papel tradicional dos “contadores de histórias” nas sociedades ocidentais industrializadas, de que forma integram um fenómeno socialmente desviante num campo social normal, através da “narração de uma história”? Quais as técnicas narrativas a que recorrem e quais os elementos-chave deste “conto”, são as questões que este trabalho se propôs abordar.

Os tipos de crimes analisados inscrevem-se mais especificamente nos “crimes contra as pessoas”. Este tipo de crimes, particularmente no caso do homicídio, encontram-se profundamente ligados à pessoa humana na qualidade de ser social. Na sua génese encontramos uma relação social em que são actores o criminoso e a vítima. Ambos, produtos de consciências colectivas, surgem por vezes como agentes desviantes das práticas socialmente aprovadas. Os espaços de localização da vítima e do suspeito são contíguos, daí a coincidência na matriz caricatural que nos é proposta para representar cada um dos casos.

Porque se inscrevem no espaço do comportamento desviante, os respectivos estigmas são sobrevalorizados relativamente a outras características que os representam de modo bastante frequente.

A análise de conteúdo foi a metodologia escolhida para empreender um estudo sobre um universo que supostamente se inscreve nas margens da sociedade normal. Esta metodologia permite interpretar o conteúdo imanente ou implícito da mensagem (escrita e visual) como forma de identificar objectivamente as representações sociais sobre o perfil do criminoso e sua vítima, que a imprensa escrita transmite ao(s) seu(s) público(s).

Foram seleccionados todos os artigos que apareceram na imprensa diária e semanal portuguesa no primeiro trimestre de 1992, relacionados com a prática do crime. Dada a limitação dos meios humanos e físicos, foram consideradas 57 unidades de registo, seleccionadas de 5 jornais diários e 3 semanais.

As categorias escolhidas para a grelha de análise das representações sociais do universo do crime foram estruturadas em redor de quatro grupos eixo: Media, Crime, Criminoso ou Suspeito e a Vítima, dividindo-se cada um destes nas seguintes subcategorias operacionais em termos da análise de conteúdo.

GRELHA DE ANÁLISE

Categorias e Sub-categorias

MEDIA		CRIME	
Data		Tipo	
Jornal		Local	
Ilustração		Hora	
Espaço		Fontes de Informação	
		Descrição da ocorrência	
		Motivos	
SUSPEITO		VÍTIMA	
Sexo		Sexo	
Escalão etário		Escalão etário	
Estado civil		Estado civil	
Identificação social		Identificação social	
Relação com a vítima			

Os Média*: Tipo de Crime

A selecção de artigos teve por base o critério do tipo de crime: “*crimes contra a vida*”. Correspondem aos artigos publicados, durante o primeiro trimestre de 1992, nos seguintes órgãos de informação: Capital, Correio da Manhã, Crime, Dia, Diário de Notícias, Expresso, Independente, Público. Relativamente a ilustrações, apenas 26% apresentam fotografias. Quanto ao espaço ocupado na página, por referência a outro tipo de notícias, aproximadamente 72% representam cada 1/6 de página, seguindo-se 15% com 1/4, e finalmente 12% com 1/2, ou seja, com considerável destaque.

Crimes Contra as Pessoas

Cerca de 70% dos artigos analisados referem-se a homicídios em geral, seguindo-se os casos de suicídio com quase 25% e por fim situações de infanticídio.

A “zona de ocorrência” do crime é uma das variáveis sempre especificadas no conteúdo dos artigos. Desta forma foi possível concretizar a imagem da oposição rural/urbano, por referência a este tipo de crime. A “zona urbana” representa 67% das ocorrências, fica-nos a imagem de ser um tipo de crime mais relacionado com o meio urbano do que rural.

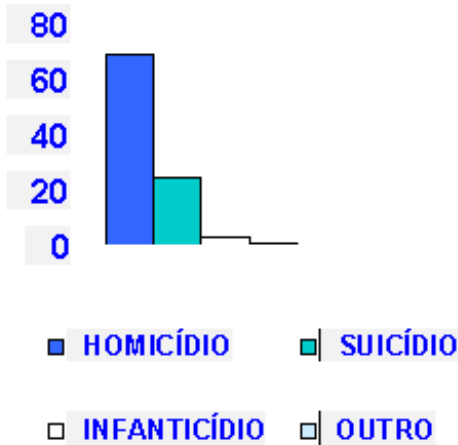
Ainda a este respeito surge o “local” de ocorrência do crime, não com a mesma intensidade que a especificação da região geográfica que é quase sempre referida, registando-se 52% das ocorrências na “RUA” por oposição a 40% de acontecimentos “em casa”.

Ao nível das fontes de informação, desempenham um papel considerável as autoridades (PSP, GNR, PJ, Tribunal).

Em primeiro lugar temos a PSP, com 47% das ocorrências, facto que está de acordo com o grau de urbanidade registado ao nível da caracterização de zonas geográficas de ocorrência deste tipo de crimes. Segue-se a GNR com 19%.

CRIME

TIPO DE CRIME



Local:

- Zona urbana (67%)
- Rua (52%)

Fontes de Informação:

- PSP (47%), GNR (19%)
- Família (21%)

A “Família” é a segunda fonte de informação mais referida, registando 21% das ocorrências, normalmente é apresentada associada a explicações do facto, situação esta que nem sempre é referida na representação do crime. Para além da família são referidos como fontes : “Vizinhos” e “Colegas”.

Convém referir que um número considerável de artigos não apresenta fontes de informação; representam 15% das situações verificadas.

Os Suspeitos

Os suspeitos apresentados são predominantemente “masculinos”, com uma considerável concentração no escalão etário entre os 30 e os 47.

Os suspeitos “femininos” são entre os 18 e 23 anos, registando-se alguns casos entre os 30 e 47 e entre os 12 e 17.

A imagem de suspeito é em 51% dos casos masculina, registando-se 17% de identificações femininas.

Verificam-se 32% de casos de ausência de suspeito, devendo considerar-se o facto de pelo menos as situações de suicídio corresponderem a 25%, ficando apenas 7% de suspeitos por identificar.

Considerando o agente suspeito, na sua globalidade, o “escalão etário” preferencial situa-se entre os 30 e 47 anos (20%) registando-se também valores algo significativos no escalão dos 18 aos 23 com 15%. São fundamentalmente os “adultos” e os “jovens adultos”.

A representatividade dos escalões etários referidos volta a ser ilustrada no cruzamento com o “estado civil”, na subcategoria “casados”. Estes dados adquirem bastante significado quando confrontados com a incidência do homicídio no seio das relações familiares.

Por referência à situação na profissão, a imagem de suspeito identifica-se com a “população activa”, e fundamentalmente em profissões ligadas aos sectores de actividade terciário e secundário.

A situação na profissão é uma das componentes da “identificação social” dos indivíduos. Contudo, neste caso particular são preponderantes outras identificações como sejam : a origem geográfica, o grupo étnico, os grupos marginais.

No âmbito da “origem geográfica”, esta imagem de suspeito identifica-se com o “rural”, o “estrangeiro” e fundamentalmente o PALOP. Ser originário dos PALOP, representa 12% das situações de “suspeito”, mas, por referência às restantes representações da origem geográfica, aparece com uma intensidade de quase 43% de referências. Como este, temos o exemplo do “grupo étnico”, do “reincidente criminal”, do “doente mental”. (Neste caso, o silêncio das palavras ilustra bem a evidência dos números, da imagem dos factos.)

SUSPEITO

SEXO - MASCULINO (51%)

ESCALÃO ETÁRIO 30 a 47anos
(20,3%)

ESTADO CIVIL - CASADO (22%)

IDENTIFICAÇÃO SOCIAL -
POPULAÇÃO ACTIVA (26%)

SECTOR TERCIÁRIO (14%)

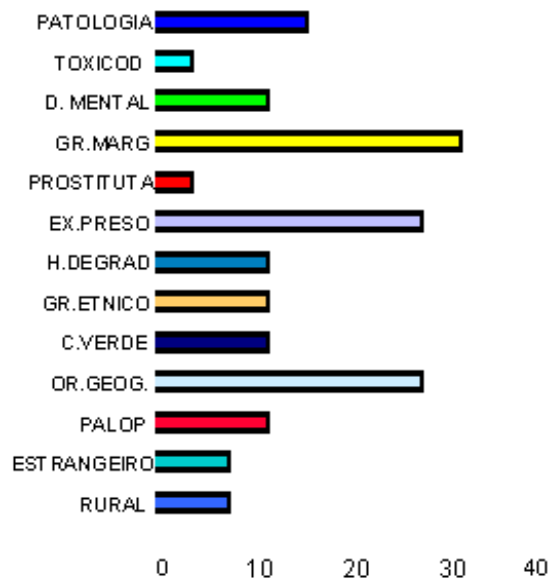
ORIGEM GEOGRÁFICA (28%)

GRUPO ÉTNICO (12%)

BAIRRO DEGRADADO (12%)

GRUPOS MARGINAIS (32%)

PATOLOGIA (16%)



Pode sentir-se que a imagem não representa todo o real, apenas a identificação com a diferença: a minoria, o cabo-verdiano, o habitante das barracas. Eles são apenas 12%, mas os outros 88% ficam diluídos, em termos de identificação social.

A Vítima

A Vítima, nesta imagem, também é mais “masculina” (66%) do que “feminina”.

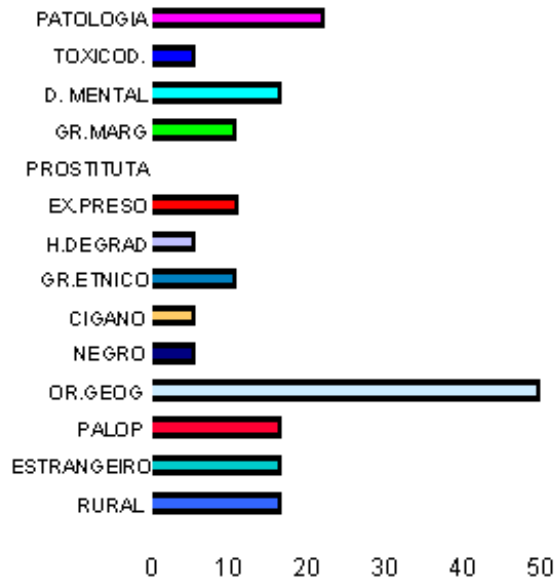
São fundamentalmente “adultos”, contudo a sua distribuição não é tão concentrada como ocorreu na situação do “suspeito”. A “primeira infância” e a idade de “jovem adulto/adulto”, dão-nos a imagem etária da vítima.

Relativamente à variável “estado civil”, esta não apresenta considerações apreciáveis.

Quanto à “situação profissional” inscreve-se entre a “população não-activa” (30%) e a “população activa do sector terciário” (25%).

VÍTIMA

- **SEXO - MASCULINO** (66%)
- **ESCALÃO ETÁRIO - 30 a 47 anos**
(26,6%)
- **ESTADO CIVIL- CASADO**(28%)
SOLTEIRO(28%)
- **IDENTIFICAÇÃO SOCIAL-**
POPULAÇÃO ACTIVA(36%)
SECTOR TERCIÁRIO (25%)
ORIGEM GEOGRÁFICA(50%)
GRUPO ÉTNICO(11%)
BAIRRO DEGRADADO (5,6%)
GRUPOS MARGINAIS(11%)
PATOLOGIA(22%)

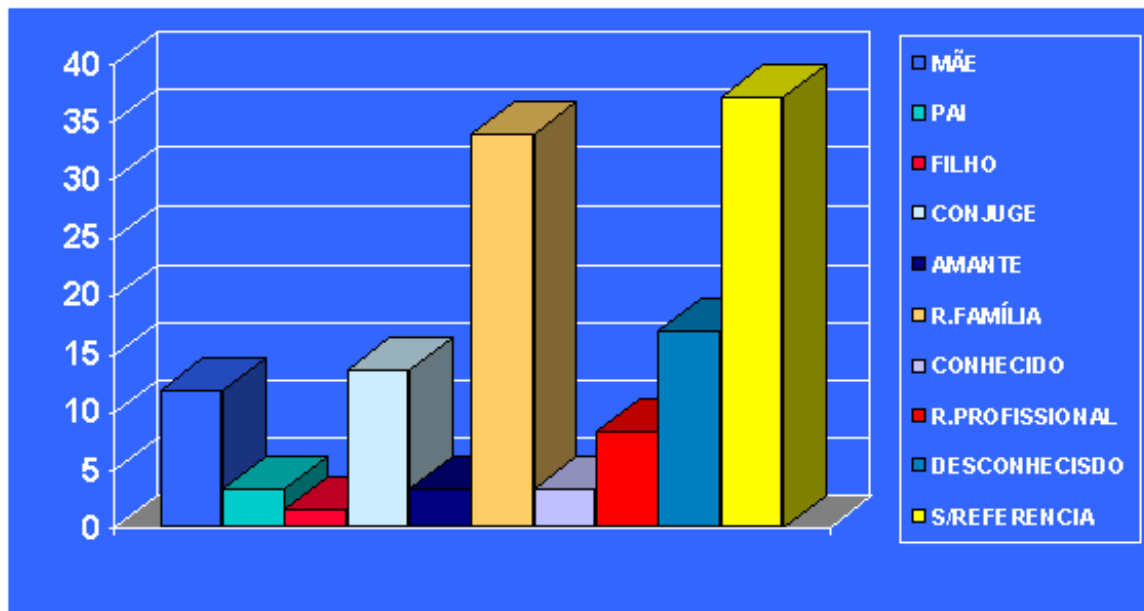


Na identificação social, ao nível de origem geográfica, volta a repetir-se a trilogia:

RURAL, ESTRANGEIRO, PALOP.

A “minoria étnica”, o “marginal” e o “doente mental” são as identificações sociais mais comuns para a “vítima”; ocorrendo a este nível um mecanismo de diluição dos restantes 70% de identificações sobre a “vítima”.

RELAÇÕES SUSPEITO/ VÍTIMA



«...logo à noite a gente fala-se...»

Neste ponto particular do estabelecimento da relação entre suspeito e vítima, as identificações feitas representam 63% dos casos em análise.

O cruzamento mais significativo entre “suspeito” e “vítima” ocorre no seio da relação familiar, podendo quase ser expresso por poucas palavras: “... logo à noite a gente fala-se! ...”

Outro “quase” chocante é a frequência de homicídio entre cônjuges, e “quase” absurda surge a imagem da Mãe que tendo dado vida volta a tirá-la... E tudo por uma história de honra/desonra, envolvida pelo controlo social. São imagens que queimam o peso considerável que os desconhecidos continuam tendo, aproximadamente 17%, como agentes do homicídio.

A ausência de referência, ao nível da imagem produzida, sobre a relação entre suspeito e vítima, representa 37% das unidades de registo.

Considerações finais

O acto de “tirar a vida a outrem” percorre transversalmente a estrutura social, isto é, não é um acto mais característico de um dado grupo social face a outro.

Não obstante, este facto não implica que as práticas e representações do crime, enquanto fenómeno social, não assumam formas diversas consoante o grupo social a que pertencem os agentes e os sujeitos da acção criminosa, ou mesmo contornos diferentes, consoante se trate de um crime praticado no seio da instituição familiar, ou no espaço de trabalho ou num ambiente especificamente relacionado com a delinquência, para referir apenas alguns dos possíveis “cenários da acção”.

Assim sendo, finalizamos este trabalho com uma síntese das principais considerações tecidas da análise dos dados em estudo.

i) O perfil do criminoso e da sua vítima é traçado face a características socialmente identificativas do seu actor, quer estas sejam:

— socialmente estigmatizantes (em sentido negativo): apresentação de patologias, pertença a grupos étnicos, estados civis socialmente pouco aceites, etc.;

— socialmente valorizadas pelo Outro: profissões implicando um serviço ao público e portadores de status socialmente positivo (professores, médicos, polícia). Neste caso específico tenta-se salientar o paradoxo dos extremos, isto é, o socialmente valorizado, quando tocado pelo mundo do “obsuro” pode reverter a desfavor dos personagens.

— socialmente identificativas, de valorização neutra, cuja função consiste em aproximar do quotidiano de cada um dos leitores os personagens das histórias, dando-lhes contornos precisos e exactos: localidade onde reside, situação familiar, idade, sexo, etc.

ii) A imprensa assume um duplo papel de “normalizador” e “controlador” social, alertando cada leitor para o facto de existir uma margem oculta, perigosa, não-ordenada nas franjas da sociedade normal. Perante este perigo omnipresente, o leitor deverá manter-se em permanente “estado-de-alerta”. Por esta razão existe uma tentativa sistemática de transportar o crime — enquanto facto extraordinário, anormal, marginal — para o quotidiano do cidadão comum, identificando ao nível do concreto social (espaço, tempo, idade, sexo, etc.) os agentes e sujeitos da acção. É neste sentido ainda que se recorre à ilustração visual do evento.

iii) Os homicídios socialmente mais perturbadores são aqueles que merecem tratamento mediático mais destacado (espaço, ilustração). Entre estes, encontra-se o infanticídio (progenitor pratica homicídio na pessoa da sua prole).

iv) A maior percentagem de crimes relatados pela imprensa, tem lugar no seio da instituição familiar. Não é obviamente correcto afirmar que este facto corresponde à realidade quantitativa e qualitativa dos crimes praticados e registados pelas autoridades. Não obstante, essa é uma imagem latente transmitida pela imprensa analisada.

Referências Bibliográficas

- BARDIN, Laurence; (1991); *Análise de Conteúdo*; Lisboa, Edições 70
- BROWN, John; (1986); “Talking about the media” in: *Educational Media International*, vol. 23, no. 2, 1986, pp. 52-66
- CASTRO, Paulo José de; (1988); *Opúsculo de Direito Penal*; Lisboa, Europress
- CAZENEUVE, Jean (dir.); (s.d.); *Guia Alfabético das Comunicações de Massa*; Lisboa; Edições 70
- DURAND, Jacques; (1991); *Les formes de la Communication*; Paris, Dunod
- GARMADI, Juliette; (1983); *Introdução à Sociolinguística*; Lisboa; Publicações D. Quixote
- GOFFMAN, Erving; (1985); *A representação do eu na vida quotidiana*; Petrópolis, Vozes
- GRAWITZ, Madeleine; (1979); *Méthodes des Sciences Sociales*; Paris; Dalloz
- HANSEN, Anders; (1991); “The media and the social construction of the environment” in: *Media, Culture & Society*, vol. 13, nr. 4, October 1991
- INGLIS, Fred; (1990); *Media Theory. An Introduction*; Oxford; Basil Blackwell Ltd.
- LAPA, M. Rodrigues; (1984); *Estilística da Língua Portuguesa*; Coimbra; Coimbra Editora
- RIESMAN, David; (1989); *The Lonely Crowd*; N.Y.; Yale University Press
- RODRIGUES, Adriano Duarte; (1984); *O Campo dos Media*; Lisboa; A Regra do Jogo
- SELLIN, Thorsten; (1984); *Conflicts de Culture et Criminalité*; Paris; Ed. A. Redone
- TWITCHIM, John; (1988, 1990); *The Black and White Media Show Book — Handbook for the study of Racism and Television*
- WATERS, Rogers; (1990); *Ethnic Minorities and the Criminal Justice System*

[1] “Tirar a vida, contar a história — uma experiência de análise de conteúdo aplicada à imprensa”, Universidade Aberta, Mestrado de Relações Interculturais, 1993.